

# Eugenio Montale – Vento e bandeiras

A ventania que alçou o amargo aroma  
do mar às espirais dos vales,  
e te assaltou, desgrenhou teu cabelo,  
novelo breve contra o pálido céu;

a rajada que colou teu vestido  
e rápida te modulou à sua imagem,  
como voltou, tu longe, a estas pedras  
que o monte estende sobre o abismo;

e como passada a embriagada fúria  
retoma agora ao jardim o hálito submisso  
que te ninou, estirada na rede,  
entre as árvores, nos teus vôos sem asas.

Ai de mim! O tempo nunca arranja duas vezes  
de igual maneira suas contas! E é esta a  
nossa sorte: de outra maneira, como na natureza,  
nossa história se abrasaria num relâmpago.

Surto sem igual, – e que agora traz vida  
a um povoado que exposto  
ao olhar na encosta de um morro  
se paramenta de galas e bandeiras.

O mundo existe... Um espanto pára  
o coração que sucumbe aos espíritos errantes,  
mensageiros da noite: e não pode acreditar  
que homens famintos possam ter sua festa.

**Eugenio Montale, Poesias: Eugenio Montale**